

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## **Novos caminhos para o jornalismo na produção independente de notícias na Cibercultura**

Raquel de Queiroz Almeida

Jornalista e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Labjor, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na linha de pesquisa Inovação, Comunicação, Tecnologia e Sociedade. Orientador Prof. Dr. Rafael Evangelista.

**RESUMO:** A reboque do contexto de redução e precarização da força de trabalho nos veículos tradicionais de comunicação de norte a sul do Brasil, especialmente nos últimos cinco anos, observamos uma nova onda de surgimento de estruturas independentes de produção jornalística. Entendemos como independentes projetos não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. Desenvolvidos exclusivamente em plataformas digitais, esses coletivos de jornalistas, representados em sites, blogs, podcasts ou canais de vídeo na web, somam mais de 200 projetos, segundo o estudo “Empreendimentos digitais do jornalismo brasileiro”, divulgado em maio de 2016 pela empresa de consultoria em comunicação Interatores. O objetivo dessa pesquisa é analisar alguns desses coletivos de jornalistas e verificar como estão estruturados, influenciados e ressignificados à luz dos conceitos de organizações em rede (CASTELLS, 1999), da influência da cultura digital e da ideologia da Califórnia (BARBROOK e CAMERON, 1995). Busco verificar ainda como se dão seus modelos de financiamento e o papel dos jornalistas no planejamento e execução desses empreendimentos e em que medida, seus participantes acreditam que, uma vez inseridos nesse ecossistema digital e interligados em rede, passam a constituir um novo sistema auto-organizado para gerir informação jornalística.

Palavras-chave: *Jornalismo. Tecnologia. Cibercultura*

### **Introdução**

O advento da Internet comercial e as novas tecnologias da informação integraram o mundo numa sociedade informacional altamente conectada e interativa, com uma forte individualização tecnológica e profundas mudanças culturais. Como enfatiza CASTELLS (1999) essa galáxia agora informacional, essa sociedade em rede, continua com um modelo de produção capitalista, mas tem produzido efeitos disruptivos no próprio capitalismo.

A forte mudança nos hábitos de consumo de notícias pelos leitores de veículos de

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

comunicação no Brasil, especialmente os impressos, com o surgimento e adoção de novas tecnologias e mídias sociais, gerou uma forte crise no negócio, intensificada especialmente nos últimos anos. Desde 2009, testemunhamos o fechamento de jornais impressos de relevância nacional, a maior editora de revistas do país tem vendido e descontinuado títulos e o número de vagas fechadas nas redações só faz crescer.

Ao mesmo tempo vemos jornalistas cansados dessa precarização do trabalho se organizando em rede para produzir conteúdo de forma empreendedora. A maioria desses novos veículos independentes tem foco específico e segmentado na cobertura de um tema. Como escreveu Meyer (2007), se o modelo de negócio precisa ser reformulado, a iniciativa deve vir das “almas e corpos que trabalham duro tendo em mente suas responsabilidades profissionais (...) Se o jornalismo sobreviver, ele precisará de aparato profissional como uma das armas de batalha (...) Se formos capazes disso, a próxima geração de jornalistas estará pronta para trabalhar quando o processo de seleção natural escolher as novas formas de mídia em que prevalecerão a confiança e a responsabilidade social”.

## **Metodologia**

Assim chegamos ao objeto desta pesquisa de mestrado. Analisar projetos de jornalismo independente surgidos nos últimos anos e verificar como estão suas organizações, processos de produção e viabilidade. A pesquisa teve início em fevereiro de 2016 e a metodologia utilizada parte da observação da produção de conteúdo dessas novas mídias, entrevistas com participantes de alguns desses coletivos, análise de dados publicados em estudos e artigos sobre o tema, além da participação em palestras e eventos que têm discutido esses novos modelos de jornalismo.

Inicialmente, está centrada em quatro projetos criados a partir de 2011: Agência Pública (<http://apublica.org/>) Nexo ([www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br)), Brio (<https://medium.com/brio-stories>) e Jornalistas Livres (<https://jornalistaslivres.org/>). Jornalistas integrantes de outros projetos também têm sido ouvidos, assim como profissionais que atuam como consultores de planejamento e treinamento para esses grupos. A investigação busca levantar dados sobre os modelos de financiamento da

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

produção (coletivo, público, assinaturas, fundações e publicidade), assim como o uso de tecnologias digitais que permitem sua existência (redes sociais, plataformas de publicação de conteúdo, ferramentas de produção e de distribuição). Tenho observado também as relações e processos de trabalho nessas novas “redações” e o perfil dos jornalistas que participam desses coletivos.

Outro aspecto da investigação é como se dá o relacionamento e influência desses projetos com seus leitores, especialmente, por estarem inseridos num ambiente digital cada vez mais refém de grandes *players* como Google e Facebook, onde a mídia paga surge cada vez com mais força como ferramenta de alavancagem de exposição para o conteúdo.

## **Primeiros resultados**

Até este ponto da investigação já pude identificar uma significativa presença de jornalistas de fato embalados e reunidos em torno desse imaginário ideológico baseado no paradigma informacional e otimistas com as possibilidades trazidas pelas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e pela Internet, procurando novos caminhos para a sustentação do contar histórias. Desse grupo fazem parte desde a geração nascida nos anos 1980, em busca de novos meios de trabalho que fogem do modelo industrial tradicional, como jornalistas insatisfeitos com a constante precarização do trabalho nas redações ou ainda demitidos recentemente.

A diversidade de perfis desses jornalistas empreendedores é grande e há desde os que não dominam em nada as novas tecnologias, como aqueles que sabem até programar seus sites e editar vídeos com produção refinada. Muitos deles não têm relações de trabalho formalizadas com os projetos: não são contratados e chegam a produzir o conteúdo de forma voluntariada. Por isso, a precarização também é um dos pontos que estamos analisando nesta pesquisa.

## **Conclusões**

Percebo assim, neste ponto da pesquisa, a existência de um novo ecossistema

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

produzindo informação jornalística de qualidade e engajando seus leitores. No que tange aos modelos de negócio, verifiquei até agora soluções híbridas de financiamento, assim como níveis bem distintos de organização e planejamento. Há desde projetos sustentados unicamente por um patrocinador, como outros calcados exclusivamente em recursos oriundos de Fundações, mas também encontramos coletivos que contam com fontes de receitas diversas (crowdfunding, publicidade, patrocínio e eventos). Esses primeiros achados indicam um ecossistema ainda em busca de bases sólidas, mas com indícios de caminhos possíveis para o jornalismo.

### Referências:

BARBROOK, R. e CAMERON, A. **Californian Ideology**. 1995. Disponível em: [http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo\\_I.html](http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo_I.html)[http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo\\_I.html](http://www.alamut.com/subj/ideologies/pessimism/califIdeo_I.html)

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura** vl.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.